

## ENTRE TRADIÇÕES E CONTEMPORANEIDADES: APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE O INHOTIM E A DIRETORIA DE INCLUSÃO E CIDADANIA<sup>1</sup>

Maria Fernanda Silva Alves<sup>2</sup>

---

**Resumo:** este artigo visa lançar algumas questões teóricas a fim de compreender o patrimônio histórico acionado pela Diretoria de Inclusão e Cidadania do Instituto Inhotim, que por meio de ações programáticas trabalha o patrimônio natural e histórico da comunidade de Brumadinho/MG e região. Para tanto, usarei a noção de “presença”, assim como a de “presente alargado”, ambas de Hans Ulrich Gumbrecht como fundamentação para discutir a potencialidade do patrimônio histórico como apreensão do passado. Nesse sentido, faz-se necessária uma discussão teórica sobre as questões do tempo presente, tendo em vista a abordagem sobre um museu de arte contemporânea. Em um segundo momento tentarei articular essas questões com as práticas da Diretoria de Inclusão e Cidadania relativas ao patrimônio histórico da região em torno de Brumadinho.

**Palavras-chave:** Inhotim; museu; patrimônio; presença; clima histórico.

**Abstract:** this paper aims to shed some theoretical questions in order to understand the heritage triggered by the Diretoria de Inclusão e Cidadania of the Inhotim Institute, through programmatic actions that works the natural and historical heritage of the community of Brumadinho located in Minas Gerais state. To this end, it will be use the term "presence" as well as the "extended present" based on Hans Ulrich Gumbrecht's works as the theoretical foundation to discuss the potential of heritage as apprehension of the past. In this sense, it is necessary a theoretical discussion of the issues about the present time, in view of the approach of a museum of contemporary art. In a second step I will try to articulate these issues with the practices of Diretoria de Inclusão e Cidadania related to the historical heritage of the region around Brumadinho.

**Keywords:** Inhotim; museum; heritage; presence; *Stimmung*.

---

### Alguns apontamentos sobre o tempo presente

O “tempo presente” tem crescido como tema de estudo em muitas áreas nas Humanidades (APPADURAI 1986, 2005; GUMBRECHT 1998, 2010, 2012; HUYSSSEN 2000, 2014; HARTOG, 2013; LÉVY, 1999; CASTELLS, 1999) e o debate sobre a emergência de uma nova configuração temporal vem se estabelecendo, pelo menos, desde a década de 1970 quando Pierre Nora, ao mobilizar as questões relativas ao acontecimento como fato, situa o diagnóstico do presentismo na emergência da própria sociedade/cultura de massa (NORA, 1995). Na esteira de

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da pesquisa de mestrado intitulada *A presença do Inhotim: formas de experiência estética contemporâneas*, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Mestranda em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Nora, François Hartog elabora uma teoria dos regimes de historicidade, ou seja, uma compreensão sobre como passado, presente e futuro estão conectados em diferentes épocas<sup>3</sup> e denomina presentista nossa atual configuração temporal. Hans Ulrich Gumbrecht (2010, 2011, 2012), ao pensar as possibilidades de histórias como campo de trabalho para as Humanidades, nos traz novos conceitos para pensarmos o tempo presente elaborando um trabalho de reflexão sobre “um repertório não exclusivamente hermenêutico de conceitos de análise cultural” (GUMBRECHT, 2010, p. 106) que fundamentam a teoria da presença proposta por ele.<sup>4</sup> Em um primeiro momento, o autor faz uma reflexão majoritariamente teórica sobre como a sociedade moderna se absteve da “presença” em favor do “sentido”. Posteriormente, Gumbrecht trata da questão de um ponto de vista mais prático, analisando aspectos cotidianos da cultura contemporânea. “Cultura de sentido”, “cultura de presença” e “presença” são encarados, então, como tipos ideais, na medida em que propõem uma tipologia para a análise de uma realidade moderna e heterogênea. Essas tipologias nos são interessantes na medida em que nos ajudam a entender melhor o que o autor está chamando de “sentido” e “presença”. “Sentido” seria a capacidade humana de se relacionar com o mundo em si através de conceitos construídos para entender o significado profundo de cada coisa na natureza. Já a dimensão da presença seria algo que não estamos em contato direto, pois na modernidade ela foi subjugada pela constante necessidade de significar as coisas. Toda essa reflexão tem um objetivo de enfrentamento a “uma tradição largamente institucionalizada, segundo a qual a interpretação – ou seja, a identificação e/ou atribuição de sentido – é a prática nuclear, na verdade a única das Humanidades” (GUMBRECHT, 2010, p. 21-22)

<sup>3</sup> No livro *Regimes de Historicidade*, o historiador francês estabelece três regimes: antigo, moderno e presentista.

<sup>4</sup> As reflexões sobre “presença” vão além do trabalho de Gumbrecht. Em “Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir”, o autor cita trabalhos anteriores importantes que o acompanharam nessa trajetória: Jean-Luc Nancy com “The Birth to presence” e os trabalhos sobre a “materialidade da comunicação” no final da década de 1980, são contribuições importantes para a concepção do livro. Vale a pena citar outros trabalhos, como o livro “Presence: Philosophy, History, and Cultural Theory for the Twenty-First Century” organizado por Ethan Kleinberg, e Ranjan Ghosh; e artigo “Allophone Presences, in the ‘Here-and-Now’ of the Humanities de Christopher Larkosh; e adentrando a problematização com os museus na perspectiva de exibição, o artigo de Camilla Mordhorst “The Power of presence: the ‘Cradle to Grave’ installation at the British Museum” e “Presence in the Museum On metonymies, discontinuity and history without stories” de Adam Bencard.

Nesse sentido, pensando na relação entre passado, presente e futuro hoje – a qual será explicada mais a frente – e na experiência de historicidade dos fenômenos atuais, dialogo com um termo proposto por Valdeci Araújo<sup>5</sup> que ajudará a fundamentar a compreensão do patrimônio histórico como presença física do passado. Araújo, ao refletir sobre a autonomia da História da Historiografia como disciplina propõe pensar uma “analítica da historicidade” como “um estudo do enraizamento dessas formas de conhecimento do passado no próprio tempo histórico” (ARAÚJO, 2013, p. 43). Em outras palavras, pretendo refletir como certas ações relativas ao patrimônio histórico e efetivadas por um museu de arte contemporânea podem ser compreendidas dentro de um escopo conceitual que privilegia a dimensão da presença. Nesse sentido, uso a categoria “analítica da historicidade”, proposta por Araújo para pensar sobre as condições de possibilidade do Instituto Inhotim e da Diretoria de Inclusão e Cidadania serem o que são na cultura histórica atual. Compreendendo o Inhotim como um fenômeno histórico, busco aqui traçar algumas considerações sobre como esse lugar dialoga diferentes formas de percepção do tempo e do espaço. Nesse sentido é que fundamento minha reflexão na “analítica da historicidade”, pois permite pensar esse fenômeno como um dos diferentes modos pelos quais nos relacionamos com a história.

Gumbrecht (2010, 2014) ao pensar nossa relação com o passado a partir das noções de *clima* e *presença* traz um dialogo importante para compreendermos o Inhotim dentro dessa perspectiva da analítica da historicidade. *Clima* pode ser trabalhado como uma noção moderna de percepção do tempo, na medida em que nos permite falar sobre as sensações que envolvem nossos corpos fisicamente “sem que questões de representação estejam necessariamente envolvidas” (GUMBRECHT, 2014, p. 14). O patrimônio acionado pela Diretoria de Inclusão e Cidadania não está vazio de representação, mas ao tentar compreendê-lo como uma forma de presença do passado que carrega consigo transformações e continuidades, a noção de *clima* juntamente com a analítica da historicidade contribui para “pensar as diferentes formas de acesso ao passado e como a

---

<sup>5</sup> O termo é proposto por Araújo no artigo “História da Historiografia como analítica da historicidade”, publicado na revista *História da Historiografia* (2013). O autor propõe analisar a disciplina História da Historiografia como “atividade de fronteira” a partir da abertura do tempo histórico aos diferentes fenômenos históricos que possibilitariam a “recuperação de certa experiência histórica” (ARAÚJO, 2013, p. 34).

experiência histórica revelada nesses momentos pode ser atingida por uma investigação das formas de continuidade e descontinuidade, isto é, de transmissão” (ARAÚJO, 2013, p. 41). Nesse sentido, diferente da presença que estabelece uma relação espacial com o mundo, clima está também ligado a uma relação temporal com o mundo.

Em meio a essas considerações, concluo ser pertinente algumas problematizações sobre esses conceitos. Ao fundamentar que a nossa relação com o mundo é majoritariamente uma relação de sentido e advogar pela necessidade de uma atenção maior com a cultura de presença, Gumbrecht mobiliza uma perspectiva de tempo que não se baseia no afastamento entre passado e presente, e sim na continuidade da experiência estética do passado. Nesse sentido, o autor não encara o tempo histórico como ruptura e sim como uma continuidade de tempos passíveis de várias histórias. É importante ressaltar que essa perspectiva é basilar para as considerações desse trabalho. No entanto, faz-se necessário problematizar a noção de presença, que se encontra em *Produção de Presença* (2010), pois se encarada como um tipo ideal não nos fará avançar produtivamente na hipótese do Inhotim como um lugar que produz uma atmosfera específica. Para que a noção seja qualitativamente incorporada ao trabalho, ela precisa ser acompanhada de outra perspectiva, que também se encontra no livro citado, mas, cuja proposta aqui é trazê-la novamente à discussão. Refiro-me a perspectiva da presença como evocação. Esta problemática será tratada no *Atmosphere, Mood and Stimmung* (2011) no qual, por meio de alguns estudos de casos sobre a literatura, arte e música, Gumbrecht evidencia a presença do passado como experiência estética no presente. Dessa maneira, levando-se em conta a complexidade do tempo contemporâneo, as noções de *Stimmungen*, humores e atmosferas, serão tratadas neste trabalho como tentativa de “[...] redinamizar nossas relações com todo tipo de artefatos culturais e até mesmo permitir que nos conectemos com alguns fenômenos da cultura atual que parecem fora do alcance das Humanidades” (GUMBRECHT, 2010, p. 21). Ora, mas o que poderia estar fora do alcance das Humanidades? Para tentar responder essa pergunta, dialogarei com outros autores que pensam sobre o tempo presente.

Em *Seduzidos pela memória. Arquitetura, monumentos, mídia*, Andreas Huyssen analisa a emergência das práticas de memórias contemporâneas

evidenciando que a partir dos anos 1980 a centralidade temporal, ou seja, a sensação *do que* o tempo é, passou de “futuros presentes” para “passados presentes” (HUYSSSEN, 2000). Refletindo sobre os usos políticos da memória, principalmente depois dos eventos que nos proporcionaram uma descrença em relação ao mundo, como as duas grandes guerras e os genocídios, Huysen constrói seu argumento sobre a relação entre o excesso de memória e a globalização. Para o autor, “não há dúvidas de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo” (HUYSSSEN, 2000, p. 15). Huysen problematiza essa questão afirmando que o enfoque dado à memória é ampliado pela *desestabilização temporal e pela fragmentação do espaço*, conjunturas advindas do processo de aceleração das inovações tecnológicas. Uma das perguntas emblemáticas feitas pelo autor se relaciona com o atual panorama da globalização e aceleração do tempo; ele pergunta: “por que estamos construindo museus como se não houvesse amanhã?” (HUYSSSEN, 2000, p. 20). A resposta pode, segundo as interpretações apontadas aqui, perpassar as noções de *Stimmung*, humor e atmosfera. Esse desejo, ou essa precaução, são respostas e indício de um clima histórico acelerado e fragmentado de “espaços de experiência” (KOSELLECK, 2006)<sup>6</sup>.

É comum para os autores que estão sendo abordados neste trabalho a ideia de que vivemos um tempo em constante transformação. Huysen ao dizer que somos seduzidos pela memória devido à desestabilização temporal e fragmentação do espaço certamente percebe o tempo como acelerado ao se remeter ao processo de globalização. De forma parecida, Gumbrecht visualiza essa aceleração do tempo e fragmentação do espaço pela evolução constante das tecnologias de informação e comunicação. Entretanto, essa situação acelerada e fragmentada do tempo-espaço é ambivalente e pode ser percebida pela experiência com o ambiente midiático, pois, segundo Gumbrecht, as tecnologias comunicacionais chegaram perto de emancipar a nossa experiência vivida dos lugares que nossos corpos ocupam, mas ao mesmo

---

<sup>6</sup> Encaro a abordagem dos autores a partir da tematização do tempo histórico elaborada por Koselleck. Esse autor propõe compreende a modernidade a partir de um tempo passível de aceleração e e de um futuro não mais predito pela tradição. Essa aceleração começa no final do século XV com as grandes navegações, a invenção da imprensa e o avanço da ciência. Entretanto ela se acentua no século XVIII, mais precisamente entre 1780-1830, período conceituado pelo autor como *Sattelzeit*. Assim, para o autor a modernidade lança uma nova forma de relação com o tempo e consequentemente com a história (KOSELLECK, 2009, p. 21-40).

tempo podem nos atentar para o desejo de presença, para a não emancipação entre experiência e corpo:

[...] essas mesmas telas também podem despertar novamente um medo e um desejo pela realidade substancial que perdemos. Muito claramente, nossas reações podem ir para um lado ou para o outro. A estranha lógica que me interessa e que estou tentando apontar parece ser a seguinte: quanto mais perto estamos de cumprir os sonhos de onipresença, e quanto mais definitiva parece ser a subsequente perda dos nossos corpos e da dimensão espacial da nossa existência, maior se torna a possibilidade de reacender o desejo que nos atrai para as coisas do mundo e nos envolve no espaço dele (GUMBRECHT, 2010, p. 172).

Nesse sentido, para Gumbrecht (1999, 2010, 2012) a estrutura essencial do “presente alargado” é a sincronia expressa pela simultaneidade de tempos – os passados que são constantemente cultivados pelas mídias e o futuro como algo bloqueado ou reduzido – e o desejo de adjacência entre experiência e corpo. A compreensão das transformações no tempo histórico contemporâneo e as possibilidades de se pensar novas atuações no presente estariam ligadas à proposta de encarar o passado como realidade no presente e em alguns casos como experiência estética.

Creio que podemos dizer que Andreas Huyssen pensa uma forma de sincronia temporal semelhante a de Gumbrecht. Através da discussão sobre modernidades alternativas, a qual penso que podemos relacionar com as “cascatas de modernidade”<sup>7</sup>, Huyssen discute sobre a insuficiência de se pensar o pós-modernismo como algo totalmente novo. A problemática é tratada a partir do ponto de vista da globalização cultural e do presentismo, que segundo o autor, “abre outra frente de questionamento: a temporalidade em relação ao espaço global” (HUYSSSEN, 2014, p. 12). Essa temporalidade foi refletida nos discursos da memória, surgidos na década de 1980, como “foco de pesquisas e estudos políticos e culturais transnacionais” (HUYSSSEN, 2014, p. 12), demonstrando que “tanto o discurso do modernismo quanto a política da memória se globalizaram, mas sem criar um modernismo global único ou uma cultura global da memória e dos direitos humanos” (HUYSSSEN, 2014, p. 13). Em outras palavras a modernidade não pode

<sup>7</sup> No livro *Modernização dos sentidos*, Gumbrecht reflete sobre os momentos epistemológicos da modernidade e propõe a denominação de “cascatas de modernidade” evidenciando esses momentos como processos de transformação e não de acumulação. Aqui enxergamo-las como algo que vem em camadas, nos aproximando assim, da noção de modernidades alternativas caracterizando uma experiência do tempo plural.

ser compreendida sem “o conceito de modernidades alternativas, às quais os múltiplos modernismos e suas diversas trajetórias permanecem ligados por mediações complexas” (HUYSSSEN, 2014, p. 20-21). Para Huyssen o debate sobre a globalização oferece novas possibilidades de compreensão sobre as modernidades alternativas, mas também traz desafios práticos e teóricos para “as várias concepções tradicionais e atuais da própria cultura” (HUYSSSEN, 2014, p. 22); esse desafio é expresso na tese do livro: “grande parte das pesquisas sobre o modernismo no mundo acadêmico ocidental e nos museus ainda está atada pelo local [...] os processos de tradução e as migrações transnacionais e seus efeitos continuam insuficientemente teorizados, e são estudados, sobretudo, em especializações locais” (HUYSSSEN, 2014, p. 23). A partir do conceito goethiano de *Weltliteratur* [literatura mundial], Huyssen argumenta sobre a possibilidade de uma cultura mundial e o que isso poderia trazer para a compreensão das condições de possibilidade das diferentes modernidades (HUYSSSEN, 2014, p. 25). Em outras palavras, o autor tenta abrir uma perspectiva de compreensão do tempo em que vivemos mobilizando a relação recíproca entre global e local.

A partir dessas considerações, Huyssen lança uma série de perguntas que giram em torno da especificidade do global e o que esta especificidade pode nos dizer sobre o entrelaçamento entre as várias espacialidades e o global. Conclui dizendo que é exatamente nessa discussão que o debate sobre modernismos alternativos poderia agregar profundidade histórica e rigor teórico (HUYSSSEN, 2014, p. 25). A tarefa então seria “fazer a transição das considerações sobre o global [...] para o estudo das genealogias culturais da linguagem, do meio e da imagem, à medida que eles passam por transformações, sob a pressão dos processos e trocas transnacionais” (HUYSSSEN, 2014, p. 26). Poderíamos reformular sistematicamente a questão da seguinte forma: o que há de global no local? Aqui podemos estabelecer relações com as considerações de Gumbrecht mobilizadas acima. Em cada espacialidade, passados foram mobilizados de formas diferentes fazendo com que o presente lidasse de forma específica com os impactos da modernidade. As transformações entre tempo e espaço foram mobilizadas por experiências e expectativas específicas: “esses passados diferentes moldaram a maneira pela qual culturas específicas lidaram com o impacto da modernização, desde o século XIX, e com a disseminação posterior de meios de comunicação, tecnologias da

comunicação e consumismo, trazida pela globalização” (HUYSSSEN, 2014, p. 28). Diante dessa complexidade, o autor propõe uma alternativa para as Humanidades semelhante a de Gumbrecht: “criar conjuntos de parâmetros conceituais” (HUYSSSEN, 2014, p. 28) que deem coerência as várias condições de possibilidade de histórias. Além de novos conceitos, Huysen propõe a “análise de qualquer prática e produto culturais” através da devida atenção à qualidade e à forma estética (HUYSSSEN, 2014, p. 31-34), concentrando-nos na complexidade da repetição e, ampliando assim o entendimento do novo (HUYSSSEN, 2014, p. 33). Nesse sentido, o entendimento do nosso tempo histórico, ou como coloca o autor, “do nosso atual estágio de globalização” passaria pelo reconhecimento da presença do passado no presente, atentando-nos, no entanto, para a distinção entre esses tempos: o atual estágio de globalização tem uma continuidade com a modernidade anterior, no entanto não é igual a ela (HUYSSSEN, 2014, p. 34).

Toda essa reflexão nos leva a outro ponto de encontro entre os autores até agora citados: a criação de novas possibilidades criativas de atuação no mundo. Em um trabalho que se quer problematizar o papel do museu no nosso presente, esta questão é de extrema importância. Para Huysen (2014) o aspecto do consumismo da globalização atual tornou todas as coisas disponíveis, porém nem sempre acessíveis ao indivíduo, bloqueando assim os futuros alternativos a cada presente. Relacionado as noções de consumo, política e expectativa, o autor nos dá o panorama de nosso presente: a revolução das tecnologias de informação e comunicação torna cada vez mais obsoleta as possibilidades de transformação criativa de cada presente. Nesse sentido é necessário criar novas possibilidades de escolha: “o foco poderia então incidir na intertextualidade, na mimica criativa, no poder do texto para questionar hábitos arraigados através de estratégias visuais ou narrativas, na capacidade de transformar o uso da mídia e assim por diante” (GUMBRECHT, 2014, p. 33). Gumbrecht, por sua vez, mobiliza as noções de clima histórico, atmosferas e humores relacionando-os com a evocação de presenças. Para o autor:

[...] tons, atmosferas e *Stimmungen* nunca existem totalmente independente de componentes materiais – acima de tudo, sua entonação. Assim, textos afetam os ‘sentimentos internos’ dos leitores da mesma maneira que o tempo e a música fazem (GUMBRECHT, 2012, p. 4, tradução nossa).

Mais adiante no texto, Gumbrecht evidencia que a relação entre corpo e as coisas é uma relação necessária e nomeia esse relacionamento de “presença”<sup>8</sup>:

[...] eu gostaria de enfatizar que as coisas estão sempre – e simultaneamente com nosso irrefletido hábito de postular significações que deveriam manter – em uma relação necessária com os nossos corpos. Eu chamo esse relacionamento “presença” (GUMBRECHT, 2012, p. 6, tradução nossa).

Quando a Diretoria de Inclusão e Cidadania propõe trabalhar as tradições e histórias locais de Brumadinho e região, ela mobiliza um passado que está presente na comunidade e autoriza algumas práticas baseadas na noção de pertencimento ao lugar, sem, no entanto experienciar essas práticas como no passado. Mais adiante, essa questão será melhor problematizada.

Assim como Huysen e Gumbrecht, o antropólogo indiano Arjun Appadurai direciona seus estudos na tentativa de melhor compreender o tempo em que vivemos. a partir de uma perspectiva sobre os fluxos globais que interferiram e interferem na economia cultural mundial. Em uma linha de reflexão ligada à antropologia Appadurai aborda as transformações na interação cultural global e afirma que essas interações são diferentes em ordem e intensidade, específicas para as várias espacialidades contemporâneas. No passado, essas interações tinham sido restritas, por vezes devido à limitação geográfica e outras vezes pela resistência em se relacionar com o outro; quando essas transições culturais aconteceram através do mundo, estavam relacionadas principalmente às guerras e conversões religiosas (APPADURAI, 2005, p. 27). Assim, o autor afirma que os fluxos culturais não são novos em nosso tempo e que apesar da historicidade desses fluxos culturais, os problemas que a humanidade sofreu relacionados à distância espacial e temporal não foram resolvidos facilmente. Appadurai nomeia esses problemas (transformações) no tempo e espaço de “gravidade cultural” (“cultural gravity”) e afirma que, em parte, ela começou devido às colonizações do Oeste e dos continentes asiático e africano. A gravidade cultural tem sido modificada pelas inovações tecnológicas do final do século XVIII e início do XIX as quais definiram a base do tráfico de ideias a partir da Europa (APPADURAI, 2005, p. 28).

---

<sup>8</sup> Como dito em nota anterior (3), as reflexões sobre a presença não são exclusivas de Gumbrecht. O autor se fundamenta, principalmente, nas reflexões de Heidegger sobre o Ser a fim de planejar um repertório alternativo de conceitos para além do sentido. Essas reflexões encontram-se no terceiro capítulo do livro *Produção de Presença* (GUMBRECHT, 2010, p. 75-118).

Todo esse processo foi impulsionado pela revolução do “capitalismo impresso” (“print capitalism”), expressão que o autor empresta de Benedict Anderson. Essa revolução contribuiu para o alargamento do mercado de livros e para o “discurso das afinidades culturais”. Entretanto, esses dois pontos são somente os “modestos precursores do cotidiano que vivemos hoje” (APPADURAI, 2005, p. 28). No século passado a explosão tecnológica nas áreas de transporte e comunicação fez com que a cultura impressa fosse sobrepujada originando outro tipo de tráfico cultural, baseado em outros meios de comunicação, como a televisão e o rádio. Dessa maneira, de acordo com Appadurai, precisamos considerar as implicações sociais e culturais referentes ao avanço das tecnologias de comunicação e lembrar que, atualmente, a mídia tem o poder de criar comunidades “sem espaços definidos” (“no sense of place”)<sup>9</sup>. O problema da nossa atual configuração temporal para o autor refere-se ao que essas novas tecnologias trazem para o nosso cotidiano, ou seja, depois desses avanços o mundo é um lugar “rizômico, esquizofrênico, clamando por teorias que expliquem o desenraizamento, a alienação e a distância psicológica entre nós” (APPADURAI, 2005, p. 29). Aqui chegamos a um ponto de encontro entre os autores. Enquanto Gumbrecht aposta, em certo nível, sobre as possibilidades das novas tecnologias de comunicação reascenderem o desejo de presença entre nós, Huyssen argumenta que, justamente pelo fato das interações culturais acontecerem devemos reconhecer a continuidade entre a modernidade anterior e o nosso tempo presente. Por sua vez, Appadurai afirma que a “mediação eletrônica ocasionou uma transformação nos modos de comunicação e conduta anteriores” e que devido a isso devemos refletir sobre as possibilidades dessa evolução tecnológica na vida contemporânea (APPADURAI, 2005, p. 66) tendo em vista que possuímos outra relação com o futuro (APPADURAI, 1986).

As últimas considerações a serem mobilizadas neste trabalho são do historiador francês François Hartog. Todos os autores acima citados compreendem a configuração temporal contemporânea como algo em constante transformação devido evoluções tecnológicas. Essas transformações ocasionam uma falta de orientação na medida em que espaços se fragmentam e tempos se tornam

---

<sup>9</sup> Appadurai diz que a expressão é do título do livro de Joshua Meyrowitz, *No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior*, 1985.

heterogêneos. Para Hartog não é diferente. O autor caracteriza essa transformação como um tempo em “crise” onde novas formas de lidar com o mundo surgem em resposta à falta de direcionamento da vida prática do homem. Os indícios e sintomas dessa crise são expressos por “duas palavras mestras: memória e patrimônio” que preconizam o surgimento de “um novo regime de historicidade, centrado no presente” (HARTOG, 2013, p. 31), o “presentismo”. Assim como Gumbrecht que caracteriza o atual presente como um “tempo alargado” devido à presença do passado e a redução das possibilidades de futuro, Hartog concebe o presente como algo hipertrofiado devido aos rápidos desenvolvimentos tecnológicos. Segundo o historiador francês, a sociedade de consumo produz a sua própria necessidade da constante invenção de novas tecnologias. Esse desenvolvimento é tão rápido que torna “obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa” (HARTOG, 2013, p. 148). Entretanto, em meio a assídua aceleração do tempo proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico e pela “economia midiática do presente [que] não cessa de produzir e de utilizar o acontecimento” (HARTOG, 2013, p. 149)<sup>10</sup>, Hartog nos alerta para as fendas – “brechas” – produzidas pelo presente. Estas mostram o caráter pessimista em relação ao futuro que o presentismo carrega, pois “o presente, no momento mesmo em que se faz, deseja olhar-se como já histórico, como já passado” (HARTOG, 2013, p. 149-150). Para ele, os museus e a multiplicidade das políticas patrimoniais são fatores sintomáticos desse medo do futuro e dessa ânsia de tudo querer lembrar. As reflexões sobre memória que Hartog mobiliza partem em essência do que Pierre Nora diz sobre o desaparecimento das “sociedades-memórias”. Esta é uma das razões pelas quais o presente é hipertrofiado: o desaparecimento da memória ocasiona um discurso excessivo sobre ela.

Diferentemente dos outros autores, Hartog concebe o tempo presente como descontinuidade em relação ao passado: “o passado não está mais ‘no mesmo plano’. Por consequência, fomos ‘de uma história que se procurava na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história’” (HARTOG, 2013, p. 163). A citação é emblemática para entendermos o pensamento do historiador francês, na medida em que pressupõe um distanciamento da história (passado) e conseqüente excesso de memória. Segundo Hartog, somos capazes de

<sup>10</sup> Já na década de 1970, Pierre Nora mobiliza as questões relativas ao acontecimento como fato. O autor situa o diagnóstico do presentismo na emergência da própria sociedade/cultura de massa (NORA, 1995).

falar sobre memória porque ela não existe mais como continuidade e coesão e porque o passado não está mais presente como na configuração temporal anterior do cronótopo “tempo histórico”<sup>11</sup>. Essas considerações vão de encontro às hipóteses dos outros autores. Para Huysen a continuidade temporal deve ser reconhecida como condição de possibilidade da atual globalização, assim como devemos compreender o que nos liga ao global em termos culturais; para Gumbrecht devemos encarar o passado a partir da categoria de clima histórico, ou seja, através de sua historicidade e possibilidade de presença no tempo; para Appadurai é complicado entender nossa relação com o presente e o futuro sem levar em consideração os fluxos culturais e a nossa relação com os atuais meios de comunicação. Enquanto esses autores encaram essas transformações como um fator fértil para uma mudança de perspectiva teórica sobre o tempo presente, a globalização e os discursos de memória, Hartog vê a sedução pela memória, pela conservação e patrimonialização como efeito de uma crise do tempo em que vivemos. Vale deixar claro que a proposta desse artigo não é abarcar de forma totalizante todas as reflexões desses autores, mas colocá-las em perspectiva a fim de construir um terreno para pensarmos a especificidade do Inhotim como lugar de produção de conhecimento relacionado à arte, educação e inclusão.

Nas seções a seguir farei 1) alguns apontamentos sobre a história do museu e a constituição e especificidade de seu espaço na contemporaneidade e 2) a tentativa de análise das ações inclusivas e patrimoniais da Diretoria de Inclusão e Cidadania do Inhotim como novas condições de possibilidade para a arte e educação a partir das propostas dos autores acima.

---

<sup>11</sup> Segundo Gumbrecht, o cronótopo “tempo histórico” emerge na situação histórica de “crise da representabilidade” do final do século XVIII e início do século XIX. Nessa situação, as esferas do passado, presente e futuro são sobrepostas umas as outras. O presente já quase não é mais visto, ele existe como um “instante imperceptivelmente curto”: o passado se afasta em detrimento da mudança e o futuro se aproxima a cada instante devido à constante perspectiva de inovação. O presente é o lugar “em que o papel do sujeito conecta-se ao tempo histórico. Em cada momento presente, o sujeito deve imaginar uma gama de situações futuras que têm de ser diferentes do passado e do presente e dentre as quais ele escolhe um futuro de sua preferência” (GUMBRECHT, 1998, p. 16).

## Transformações no tempo: apontamentos sobre a história do museu

Desde a Antiguidade, a palavra museu está relacionada ao local destinado ao cultivo e preservação das artes e das ciências - representadas na Grécia Antiga pelas nove musas filhas de Zeus e de Mnemosine, a deusa da memória. No Renascimento o lugar ganha *status* de coleção para ser redefinido no século XVII como um espaço exclusivo de pesquisa pragmática e utilitária, relacionada às coleções que acompanhavam o progresso das concepções científicas e destinada a um público específico. No final do século XVIII, no contexto dos movimentos nacionais, o museu terá sua dimensão alargada para o público, dando origens aos grandes museus nacionais. Nos rastros da Revolução Francesa, esse espaço terá sua atuação modificada justamente pelas demandas do seu novo usuário, o povo (JULIÃO, 2006, p. 20-21).

Em sua tese de doutorado, Luciana Martins (2010) analisa a constituição da educação em museus através de três instituições: um museu de ciências humanas, *Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*, um museu de ciência e tecnologia, *Museu de Astronomia e ciência Afins do Ministério da Ciência e tecnologia* e um museu de artes plásticas, *Pinacoteca do Estado de São Paulo*. Para dar início a esse processo, a autora levanta uma bibliografia sobre a história do museu enquanto instituição de pesquisa que expõe e divulga o conhecimento. Essa história não é breve e ainda vem se constituindo em termos educacionais desde meados do século XIX. Deste século em diante surgem perfis variados de instituições museológicas e na segunda metade do XX o museu passa por uma transformação conceitual abrangendo sua atuação para o público.

Um dos campos de pesquisa que cresceu neste momento, segundo a autora, foi a “nova museologia” que “teve como foco o questionamento acerca do papel e das responsabilidades das instituições culturais frente às transformações e problemas na sociedade” (MARTINS, 2010, p. 16). O movimento, segundo Martins, foi importante para o debate da função da instituição museal na medida em que problematizou o acesso de um público mais diverso e conseqüentemente levantou a

necessidade de novas iniciativas para esses espaços<sup>12</sup>. Essas mudanças podem ser visualizadas nas reuniões internacionais sobre museus, como a *Jornada de Lurs* em 1966, a *Mesa Redonda de Santiago do Chile*, em 1972, discutindo o papel social dos museus e a *Declaração de Caracas* em 1992, onde se rediscutiu o papel social e educativo dos museus (MARTINS, 2010, p. 16). A instituição passa então de um espaço privilegiado e restrito a pessoas especializadas em preservação e conservação a lugar no qual as ações educativas procuram cada vez mais dialogar com os diversos públicos (MARTINS, 2010, p. 17). Martins ressalta que essas modificações devem ser compreendidas dentro das transformações das teorias educacionais na segunda metade do século XX. Em resumo, o que a autora evidencia é o alargamento dessa função para outros públicos em diálogo com as outras funções de coleta, estudo e divulgação (MARTINS, 2010, p. 40).

Agora, atendendo a um público heterogêneo, os museus ganham experiências temporais, corporais e simbólicas diversas. Como afirmam Júnia Sales e Marcos Vinícius Corrêa Carvalho, “o museu é compreendido pela pluralização movente dos sentidos, conferidos e subvertidos a cada visita, posto que o campo da recepção é, também ele, diverso e criativo” (PEREIRA; CARVALHO, 2010, p. 384). Nesse processo de diversificação dos sentidos pelos diferentes públicos que circundam o museu, a narrativa atribuída aos seus objetos é singularizada: os objetos de uso cotidianos assumem um papel diferente do que tinham na vida prática (PEREIRA; CARVALHO, 2010), por sua vez, as obras produzidas em *site specific* tem o objetivo primeiro de estarem dentro do museu.

Nesses processos, estão em jogo concepções sobre o tempo que nem sempre são confluentes, planejadas ou previsíveis, nem mesmo evidentes, variando em temporalidades moventes e/ou estanques. [...] Assim, os museus são compreendidos como *instituição-prisma*, em que há disseminação de uma infinidade de novos signos, sendo movente pelo trabalho que realiza em contato com públicos diferenciados. Para além da totalidade suposta, o museu ofertar-nos-ia a oportunidade de capturar mutáveis percepções de seu sentido social e cultural. (PEREIRA; CARVALHO, 2010, p. 384-385).

Dentro dessa lógica, podemos enxergar o Inhotim como uma “instituição prisma”, que através de seu espaço conflui arte contemporânea e natureza, além de

---

<sup>12</sup> As primeiras questões discutidas pelo movimento da “nova museologia” estavam ligadas à problematização dos museus “tradicionais”, na medida em que evidenciavam os museus comunitários.

trabalhar e produzir conhecimentos sobre o patrimônio histórico e cultural de seu entorno. Dessa hipótese advém outra: o Inhotim reúne, através de sua instância educacional e de inclusão social, a patrimonialização histórica, natural e artística. Essa questão será abordada na terceira seção deste trabalho.

### **A Diretoria de Inclusão e Cidadania: outras possibilidades de histórias**

O Inhotim tem uma história institucional bastante complexa. A concepção do lugar emerge como algo intuitivo sem um planejamento sistemático<sup>13</sup>. O empresário Bernardo Paz começa a idealizá-lo em meados da década de 1980 e o paisagista Burle Marx propõe um planejamento inicial para os jardins. A coleção de arte particular movimentou os desejos do empresário mineiro de tornar esse patrimônio acessível a outras pessoas. Desde então, Inhotim tem ganhado formas de experiências espaço-temporais complexas.

Fundado em 2002 como Instituto Cultural Inhotim, o espaço destina-se a “exposição, conservação e produção de trabalhos contemporâneos de arte desenvolvendo ações educativas e sociais”<sup>14</sup>. Em 2005 o Instituto muda de nome para Centro de Arte Contemporânea Inhotim abrindo suas portas para visitas pré-agendadas de escolas da região e outros grupos. O ano simbólico na institucionalização do Inhotim como um espaço público é 2006 quando descentraliza o acesso e abre à visitação do público sem necessidade de agendamentos prévios.

Em 2007 é criada a Diretoria de Inclusão e Cidadania (DIC) motivada pelo “compromisso com o desenvolvimento social da população de Brumadinho” (LOPES; MARQUES, 2013, p. 60). É reconhecido pelo Governo do Estado de Minas Gerais como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) em 2008 e pelo Governo Federal em 2009. Em 2010 o complexo paisagístico recebe o título de Jardim Botânico pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos (CNJB). Outra instância do Instituto é criada em 2013, o *Inhotim Escola* com a proposta de ser uma “plataforma de atividades voltadas à formação em artes e meio ambiente”<sup>15</sup> localizado institucionalmente em Belo Horizonte, fora, portanto, do espaço físico em Brumadinho.

<sup>13</sup> <http://www.inhotim.org.br/blog/tag/historia/>

<sup>14</sup> <http://www.inhotim.org.br/inhotim/sobre/historico>

<sup>15</sup> <http://www.inhotim.org.br/inhotim/sobre/historico>

A Diretoria de Inclusão e Cidadania está presente nas ações programáticas do Inhotim desde a sua institucionalização oficial. Ela “surgia como expressão do objetivo de fomentar projetos e programas que garantissem a acessibilidade, a interação e a inclusão social da população de Brumadinho e seu entorno” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 92). Nesse sentido, mobiliza a noção de pertencimento para a efetivação de seu trabalho:

É com essa premissa que se desenvolve o trabalho da Diretoria de Inclusão e Cidadania do Instituto Inhotim. Vale dizer, trata-se de convocar as vontades das pessoas que vivem no meio social local, criando um ambiente de compartilhamento dos problemas e da busca de soluções, de modo que todos se sintam corresponsáveis e passem a agir na tentativa de solucioná-los. Para que essa “convocação” frutifique, é necessário que as pessoas compartilhem um imaginário, emoções e conhecimentos sobre a realidade das coisas à sua volta, gerando a reflexão e o debate necessários para a mudança. Novamente representa de um trabalho construído sob a égide da noção de pertencimento (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 97).

A noção de pertencimento mobilizada pela DIC nos leva, novamente, à discussão sobre a configuração temporal contemporânea. Diante da ambígua relação entre o ser humano e o tempo presente, proporcionada pelas constantes modificações nos sistemas comunicacionais e pelas rápidas transformações tecnológicas, emerge uma sensação de fragmentação do mundo: o cotidiano de nossas vidas acontece como instante, fugaz, e ao mesmo tempo sentimos como se devêssemos nos ancorar em algo para nos proteger da constante volatilização das coisas e relações. Citando Le Goff sobre a busca da identidade individual e coletiva como “uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF apud LOPES; OLIVEIRA, 2012, p. 5), a DIC trabalha com a concepção de identidade que busca uma unidade em um mundo onde a ameaça de fragmentação é cada vez mais presente.

A fragmentação do tempo e do espaço que impossibilita, segundo a perspectiva da DIC, o acesso à memória e a valorização de identidade ocasiona desdobramentos complicados, como a dificuldade de afirmação dos sujeitos que não têm acesso a essa memória. Cabe aqui a seguinte pergunta: qual memória? O trabalho da DIC em relação a essa comunidade vai além da simples preservação de histórias e tradições atuando como catalizador “de ações que incluem a oferta de espaços e experiências que visam propiciar a ampliação da fronteira cultural dos

membros da comunidade local; a recuperação da história, da memória e das tradições culturais locais, bem como o estímulo ao processo de geração de renda e melhoria das condições de vida” (LOPES; MARQUES, 2013, p. 65).

Atualmente, o trabalho de inclusão social feito pelo Inhotim através da DIC desenvolve-se em 12 municípios da região, além de Brumadinho (LOPES; OLIVEIRA, 2012, p. 8). Três ações programáticas são realizadas nessas comunidades: 1) “Música, Arte e Cultura no Vale”; 2) “Desenvolvimento Comunitário com foco no Turismo” e 3) “Memória e Patrimônio Histórico Cultural e ambiental de Brumadinho e Vale do Paraopeba”<sup>16</sup>.

A primeira ação programática visa potencializar a tradição da comunidade e a inserção cultural e social através da música. Tem três projetos, o “Inhotim Encanto” composto por corais infantil, juvenil e adulto; o “Coral de Funcionários Inhotim Encanto” (LOPES. OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 98); e a “Iniciação Musical” que consiste no apoio às bandas locais na potencialização da aprendizagem teórica e técnica dos instrumentos de sopro e percussão (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 98)<sup>17</sup>. Desses três projetos outros se desdobraram, como o Curso de História da Música ministrado pela musicista Norah de Moura Castro e realizado duas vezes no ano de 2009 com os integrantes das bandas locais e dos participantes da Iniciação Musical; em 2010 o curso abrangeu os alunos dos Corais. Outro desdobramento é o Curso de Percussão das Comunidades Quilombolas de Sapé e Marinhos que foi iniciado em 2011 “com o objetivo de estimular crianças e jovens no desenvolvimento do aprendizado dos ritmos africanos, comuns nas manifestações tradicionais de Congado e Moçambique [...] e fomentar o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária nessas comunidades ricas em potencial artístico e cultural” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 98). Outro projeto é a “Escola Luthieria” que oferece a capacitação de profissionais no conserto e manutenção dos instrumentos utilizados pelas bandas locais. Além desses programas a DIC planeja também a “Mostra

---

<sup>16</sup> Como fonte dessas ações, usaremos os artigos “Desenvolvendo um Território com inclusão e cidadania” (2011), “Centro Inhotim de Memória e Patrimônio-CIMP” (2013) – já citados anteriormente nessa seção.

<sup>17</sup> “Inhotim apoia as quatro corporações musicais de Brumadinho: Corporação Musical Banda São Sebastião, Corporação Musical Santo Antônio de Suzana, Corporação Musical Banda Santa Efigênia e Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição. A partir de 2011, com a expansão das ações do programa, as corporações musicais de Moeda e Bonfim, Bom Jesus de Porto Alegre e Padre Trigueiro, respectivamente, também foram inseridas no projeto” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 98).

Cultural”, evento realizado anualmente onde as manifestações musicais são apresentadas para toda comunidade local e vizinha com apoio das prefeituras, Ministério do Turismo e outras associações.

A segunda ação programática trabalha o desenvolvimento econômico dos pequenos empresários e artesão da comunidade. Um dos projetos é a “Rede de Empresários” formada por profissionais da rede de turismo estruturando-se por meio de seminários e reuniões mensais; o trabalho da DIC consiste em cursos de capacitação e qualificação dos proprietários e funcionários dessas pequenas e médias empresas. A “Rede de Artesão” é outro projeto onde grupos de artesãos se reúnem em reuniões mensais para discutir questões como “fortalecimento dos grupos, aspectos legais para sua formalização enquanto associação, desenvolvimento e gestão” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 99). Ainda dentro do desenvolvimento comunitário existe o programa “Inhotim para Todos”, “cujo objetivo consiste em promover o acesso de crianças, jovens, adultos e idosos integrantes de programas sociais e grupos comunitários ao acervo e espaço do Instituto Inhotim” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 99). Neste projeto em particular, há uma ressalva muito interessante: o acesso do “Inhotim para Todos” não é mediado, ou seja, a visita segue o formato desejado pelo indivíduo na “crença de que o sujeito pode se desenvolver a partir da experiência de visita ao Inhotim” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p.100). Por fim, a “Rede da Terceira Idade de Brumadinho” é o projeto que visa integrar os programas de assistência à população idosa e atende mais ou menos 2.000 pessoas. Além das parcerias com outras instâncias de cuidado com o idoso, como o Conselho Municipal do Idoso, o Lar dos Idosos, dentre outras, a rede propõe “ações, tais como a organização de visitas ao Inhotim, atividades de troca de correspondências e discussão coletiva do Estatuto do Idoso” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 100).

A terceira ação programática “Memória e Patrimônio Histórico, Cultural e ambiental de Brumadinho e Vale do Paraopeba” objetiva “a recuperação, conservação e publicização do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental herdado pela comunidade local. Sua execução garante uma transversalidade que perpassa as demais ações programáticas” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 100). Essa ação é responsável pelo desenvolvimento do Centro de Memória e Patrimônio (CIMP) do Inhotim, instância subordinada a Diretoria de Inclusão e Cidadania. O

CIMP estrutura-se em três unidades: 1) “Acervo de memória e Patrimônio da Região de Brumadinho”; 2) “Arquivo do Instituto Inhotim” e 3) “Biblioteca de Referência”; o acervo está organizado em quatro coleções: a) História da Região de Brumadinho; b) Tradições Musicais e Cultura Popular, c) História Ambiental e d) Memória da Inserção do Instituto Inhotim em Brumadinho (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 101). Nesse sentido, as ações programáticas direcionadas ao turismo, desenvolvimento econômico e cultural da comunidade adentram a concepção do Centro de Memória e Patrimônio. Essas ações desenvolveram-se antes a efetivação do CIMP como instituição e, foram necessárias para sua elaboração. Aqui, podemos perceber o trabalho precedente da Diretoria no sentido de conhecer e identificar essas histórias e tradições para depois pensar em pesquisas programáticas que fundamentem a institucionalização do Centro de Memória e Patrimônio<sup>18</sup>.

A exposição dos programas e ações da DIC nos leva a uma questão importante para pensarmos a especificidade da atual configuração temporal. A confluência entre o rico patrimônio histórico cultural da região<sup>19</sup> com a modernidade de um museu de arte contemporânea nos traz a consciência da tensão produtiva entre tradição e modernidade. Esta é a questão central deste artigo. Navegando por e através dela, tentarei refletir, como dito no início, sobre as transformações das noções de patrimônio e museu e o papel do Inhotim diante dessa nova forma de lidar com o tempo. Diante dessa tensão, o Inhotim vai trabalhar a preservação dessa tradição como produtora de identidade pela disponibilização dos projetos e descentralização do acesso ao seu espaço. A relação entre preservação e ações sociais e inclusivas feitas por um museu de arte contemporânea é consciente para a Diretoria de Inclusão e Cidadania:

---

<sup>18</sup> Quatro projetos de pesquisa foram financiados pela FAPEMIG no processo de constituição do Centro de Memória e Patrimônio do Inhotim: 1) “Centro de Memória e Patrimônio Histórico-Cultural do Instituto Cultural Inhotim”; 2) “Centro de Memória e Patrimônio Histórico-Cultural de Brumadinho: história local e tradições musicais”; 3) “As Guardas de Congado de Brumadinho: desvendando raízes afrodescendentes do município”; 4) “Memória e História de Brumadinho e Médio Vale do Paraopeba: narrativa acerca da década de 1990” (LOPES; MARQUES, 2013).

<sup>19</sup> “Brumadinho dista 61 km de Belo Horizonte e tem como atividade econômica principal a mineração. Está inserido na rota da Estrada Real e faz parte do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, possuindo, juntamente com os municípios de Moeda, Bonfim e Rio Manso, importante patrimônio material e imaterial, com acervo do período colonial. O território tem potencial turístico de grande valor, tanto pelo acervo histórico que sobrevive nas ruínas do Forte e da Calçada Cavalheiresca, ambos localizados na região da Serra da Moeda, seja na Igreja de Nossa Senhora da Piedade, erguida em 1713, ou na Capela de Nossa Senhora do Rosário, ambas localizadas em Piedade do Paraopeba. Outro exemplo pode ser visto na Fazenda dos Martins, edificação do século XVIII, localizada no distrito de São José do Paraopeba.” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 94).

É preciso esclarecer essas indagações, pois compartilhamos uma concepção de museu que leva em conta conhecer o passado que queremos e devemos preservar na região do Médio Paraopeba, em Minas Gerais, mais especificamente em Brumadinho, com sua bem sucedida proposta de museu de arte e jardim botânico. [...] A concepção de museu na qual nos amparamos para essa reflexão é a que considera o museu como um espaço privilegiado, onde é possível concretizar propostas de intercâmbio com áreas diversas e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento potencializado pela pesquisa, preservação e comunicação aplicado às comunidades locais (LOPES; MARQUES, 2013, p. 61).

Essas considerações nos levam a pensar o Inhotim como um espaço específico e potencial para a experiência cultural e artística. Acredito que esses projetos intensificam as considerações sobre a potencialidade do espaço do Inhotim como evocador de presença através da tensão entre artístico/natural e tradição/modernidade. “A Diretoria de Inclusão e Cidadania preocupa-se com o entorno do museu e tem como tarefa levar o museu para a comunidade e trazer a cidade para dentro do museu” (LOPES; MARQUES, 2013, p. 63). A *presença* de uma tradição histórica tensionada por um museu de arte contemporânea, que produz conhecimento sobre o antigo e sobre o contemporâneo, oferece uma diversidade de experiências temporais que mobiliza a ideia de pertencimento a essa comunidade.

Diante das considerações dos autores, percebo o Inhotim como um espaço específico dentro do atual clima histórico de redução das possibilidades de futuro. Além de sua característica transnacional, pois dialoga não somente com a comunidade local, mas com a comunidade global, o Instituto e suas ações educativas e inclusivas fazem parte de uma atmosfera específica que sente o passado no cotidiano e vê a necessidade de ação no presente. No blog do Inhotim, nas notícias escritas pela redação há duas reportagens emblemáticas e sintomáticas dessa situação.

A primeira delas, mais atual, intitulada *Brumadinho mais verde*<sup>20</sup> mostra o trabalho feito pelos jardineiros do Inhotim em um dos jardins da cidade de Brumadinho. O projeto é uma parceria do Instituto com a prefeitura da cidade que teve sua primeira etapa iniciada no mês de junho de 2014. Na reportagem há um

<sup>20</sup> <http://www.inhotim.org.br/blog/cat/noticias/tag/comunidade>

depoimento de um morador dizendo que a cidade precisava dessa mudança. Fica evidenciada aqui a preocupação com natureza que circunda Brumadinho, mas não apenas isso: a ideia do projeto é algo que pressupõe uma preocupação com a beleza e continuidade estética que se experimenta no Inhotim.

A segunda reportagem, intitulada *Simplicidade e história* começa falando sobre a atmosfera tranquila e simples das cidades do interior. Dessa vez a presença na notícia está nas cidades de Marinho e Sapé “duas das seis comunidades quilombolas espalhadas pelo entorno do município de Brumadinho (MG). Marinhos tem cerca de 200 habitantes. Sapé, um pouco menor, abriga aproximadamente 50 casas. As duas, no entanto, carregam consigo um passado de resistência e boas histórias”<sup>21</sup>. Esta última frase é relevante para os propósitos desse trabalho. A palavra “carrega” pressupõe um passado presente nessas comunidades. A reportagem continua mostrando o ponto de vista de alguns moradores em relação ao passado. Para eles “naquele tempo” a vida era na roça trabalhando para ajudar a família. Uma das moradoras, D. Perpétua, agradece por hoje o trabalho não ser tão pesado como era antes. Outro morador, Sr. Antônio das Graças Silva, aponta para outro fator de mudança, a possibilidade de sair e estudar fora, de continuar a vida em outro lugar. A citação a seguir mostra bem a presença do passado no presente diante das transformações da vida contemporânea:

Mas apesar da nova realidade, algumas práticas e antigos valores ainda são transmitidos de pais para filhos nas comunidades quilombolas de Brumadinho. As festas típicas e os cultos religiosos resistem ao tempo e são verdadeiros patrimônios culturais do estado. As chamadas Guardas de Congo e Moçambique, organizadas pela população, desfilam várias vezes ao ano, trazendo cores e cantos que preservam as crenças locais. Seja tocando algum instrumento, carregando a coroa ou mesmo ajudando na cozinha, o importante é não deixar morrer a tradição).<sup>22</sup>

Outra moradora entrevistada na reportagem nos leva a outra questão emblemática, que envolve o passado como realidade. Além disso, mostra o que estamos tentando mobilizar a respeito não só do Inhotim e suas ações educativas e inclusivas, mas de um trabalho com o passado que é essencial para a existência humana. Dona Nair de Fátima Santana, descendente de quilombolas, diz que até pouco tempo não gostava de ser identificada com a tradição quilombola:

<sup>21</sup> <http://www.inhotim.org.br/blog/cat/noticias/tag/comunidade>

<sup>22</sup> <http://www.inhotim.org.br/blog/cat/noticias/tag/comunidade>

[...] mas, com o tempo, me dei conta de que só estava negando a minha própria existência. Hoje vejo que ser quilombola é ser fruto de um povo carregado de significados. É justamente durante nossas comemorações que somos abençoados. Tentamos passar parte dessa história para as nossas crianças aqui na escola.<sup>23</sup>

O objetivo deste artigo foi apontar algumas reflexões sobre o tempo presente em diálogo com as reflexões sobre presença para, dessa maneira, tentar traçar algumas compreensões sobre esses conceitos. Por ora, finalizo essa reflexão com as considerações de Gumbrecht sobre essa presença do passado. Encarando-a de uma perspectiva estética, acredito que o modo como a especificidade do Inhotim é mobilizada neste artigo, é produtivo para pensarmos as possibilidades de histórias que este lugar pode promover. Gumbrecht enxerga a questão sobre o fascínio pelo passado de um ponto de vista antropológico diante da impossibilidade de orientação pela história:

[...] o fascínio com o passado é antropológico e meta-histórico, é o produto do desejo de podermos reviver momentos que são de nosso passado, na realidade é impossível para nossa consciência reviver completamente o momento do passado. Na verdade, não podemos reviver o passado, mas quanto menos é possível para a consciência humana reviver o passado, maior é o fascínio pelo passado. Assim, o fascínio antropológico pelo passado que continua existindo na ausência da aprendizagem com a história é o resultado de nosso desejo de ir além das fronteiras da consciência humana, de ir além do mundo da vida, de fazer algo impossível (GUMBRECHT, 2011, p. 34).

As pessoas não aceitam o passado sem restrição, sem conflito, mas elas sentem, de uma forma ou de outra, pertencentes a ele. Além desse pertencimento que é visto e incentivado pela DIC, esta última também tem seu papel de produtora de novas possibilidades econômicas, sociais e educativas para a vida cotidiana dessas pessoas. Nesse sentido, entendo a proposta do Inhotim em sua complexidade e diante de um clima acelerado em que homem e mundo não se veem mais em harmonia. Através de seus programas patrimoniais, o Inhotim procura integrar a população de seu entorno desenvolvendo “ações no sentido de aproximar o público de relevante conjunto de obras produzidas por artistas de diferentes partes do mundo, refletindo de forma atual sobre as questões da contemporaneidade” (LOPES; OLIVEIRA; SENA, 2011, p. 92).

<sup>23</sup> <http://www.inhotim.org.br/blog/cat/noticias/tag/comunidade>

## BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large*. Cultural Dimensions of Globalization. Minnesota: Minnesota University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *The social life of things*. Commodities in Cultural Perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1986

ARAUJO, Valdeí Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 12, p. 34-44, 2013.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem, com atenção especial para a presença do passado. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 03, p. 10-22, 2009.

\_\_\_\_\_. *Atmosphere, mood, stimmung*. On a hidden potential of literature. Stanford University Press, 2012.

\_\_\_\_\_. Depois de “Depois de aprender com a história”, o que fazer com o passado agora? In: ARAUJO, Valdeí Lopes de; MOLLO, Helena Miranda; NICOLAZZI, Fernando (orgs.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

\_\_\_\_\_. *Graciosidade e Estagnação*. Ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2012.

\_\_\_\_\_. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34. 1998.

\_\_\_\_\_. *Produção de presença*. O que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

\_\_\_\_\_. Uma rápida emergência do “clima de latência”. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 303-317, 2010.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado presente*. Modernismos, artes visuais e políticas da memória. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. *Seduzidos pela memória*. Arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história dos museus. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*, Superintendência de Museus/Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 20, 2006. Disponível em: <[http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/cadernodiretrizes/cadernodiretrizes\\_segundaparte.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/cadernodiretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf)>.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Ed. PUC-Rio, 2006.

LOPES, Rosalba; MARQUES, Rita de Cássia. Centro Inhotim de Memória e Patrimônio – CIMP. *Cadernos de História*, v. 14, n. 20, p. 59-80, 2013.

LOPES, Rosalba; OLIVEIRA, Juliana Grazzinelli de; SENA, Roseni. Desenvolvendo um território com inclusão e cidadania. *Inc. Soc.*, Brasília, DF, v. 4, n. 2, p.91-102, 2011.

LOPES, Rosalba; OLIVEIRA, Juliana Gazzinelli. A dimensão identitária e a promoção da cidadania. *Anais do VII Congresso português de Sociologia*. Universidade do Porto, p. 1-14, 2012.

MARTINS, Luciana C. *A constituição da educação em museus*. O funcionamento do dispositivo museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. Tese de Doutorado. São Paulo, s.n., 2010.

SALES, Júnia; CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. Sentidos do tempo na relação museu escola. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 30, n. 82, p. 383-396, 2010.

## SITES

Inhotim (<http://inhotim.org.br/>). Acesso em: 15 jun. 2014 e 17 jul. 2014.

**Artigo recebido em 30 de novembro de 2014. Aprovado em 01 de março de 2016.**